



MAGICO.

Publica-se por ora nos domingos; imprime-se na Typographia de E. A. Ribeiro & Ayres, rua d'Alfandega n. 135.—Assina-se a 500 rs. por mez.

DOMINGO : DE MARÇO DE 1882.

QUESTÃO A GANHO

☛ Um premio foi promettido,
Mas alguém ficou logrado,
Na questão que ventilou-se
Entre o solteiro e cazado.

Dà-se uma *gaita* muito enfeitadinha a quem descobrir, por meio de *glozas*, sobre este motte, a *melgueira* da *questão a Premio*: nós aceitamos tudo, e publicaremos o que estiver capaz disso, a ver quem ganha.

Não faltará quem goste de tocar *gaita*, agora que estamos perto dos Ramos, por isso já estou vendo que todos os poetas se hão-de influir.

Depois verei algum outro pretexto para lhes dar de lucro uma *matraca*.

AO BELLO SEXO

A vós, minhas patricias, a vós tão modestas, tão meigas, tão honestas, tão obedientes ao dever, o *homem* hoje se dirige, já que fugio da arena, onde se tinha collocado como mantenedor do campo, a nova Marfiza, ou para melhor dizer o novo Martan ou Pinabel feminil.

Não quero, que por mais tempo deixeis de conhecer-me, como *Deos me fez*, e me conheçaes esboçado com as negras tintas, com que um adversario desleal procurou retratar-me. Sou *homem* é verdade, mas por isso mesmo que sou *homem*, sou e tenho sido o sacrificador mais tenaz em vossos altares, e incensador mais constante de vossos templos, e serei sempre clarim inextinguível a publicar vosso merito, a pedir o melhoramento de vossa condição.... mas em termos habeis.... em certos limites, para que não haja confusão de deveres e de obrigações.

Deixai gritar muito embora, esses utopistas feminis, que presumindo muito de si, porque tem lido um ou outro autor, e porque se julgaõ mais *illustrados* do que os outros, querem-se fazer cabeças de motim, lançando a discordia na sociedade e nas familias, e julgando-se assuz habeis para reformadores.... é talvez uma doença! e deveis ter compaixão d'elles! Coitados! abração a nuvem por Juno.

Aquelles que tem a esperança d ever-vos emancipadas, que crêm na possibilidade deste estado para o vosso sexo, por certo que nunca vos estudarão, e que com pouca leitura se tem contentado. Porque se tomassem o trabalho de ler mais alguma couza, e digrissem essas leituras com as ideas fornecidas pelo estudo de vossa organização, habitos, tendencias, e paixões, certamente que aberrarião de semelhante proposito. Como pôde ser emancipada a mulher, se ella é destinada a importante funcção da maternidade, que tem de occupar-lhe a metade senão toda a existencia?

Depois para que um sexo hade querer invadir os attributos do outro sexo?! Por ventura Deos não marcou a qualquer d'elles sua orbita? Nem se diga que são inimigos do sexo feminino, aquelles que tem esta lingoagem, que são materialistas, que desconhecem as vistas de Deos, porque esses são os verdadeiros amigos do sexo feminino, os verdadeiros conhecedores de seus interesses, e aquelles que querem prohibir uma conflagração entre os dois sexos, conflagração que não deixará de ser contra os interesses, e bem estar do feminino. Mas deixemos divagações, não mereçamos a censura que fizemos a outrem, provemos alguma couza.

Dizem, que Deos fizera a mulher igual ao homem. Não argumentemos com a organização d'ellas, nem com seus instinctos, vamos á fonte da verdade.

Em Genesis le-se, que Deos dicera a mulher por haver commetido ao homem a infringir as leis divinas: "*Eras companheira do homem, agora serás dependente não só da vontade de teu espoz, como*

de suas paixões e caprichos. Elle terá sobre ti a superioridade natural de seu sexo, e um continuo dominio.

Quem ousará dizer agora, que Deos fez a mulher igual ao homem?!

Vejamos agora o que nos diz uma MULHER *illustrada*, como muitos homens não serão, e nem mulher alguma será talvez mais: é a Baroneza de Stael: A natureza (ouvirão?) e a sociedade *desherdarão a metade da especie humana; força, animo, genio, e independencia, (que me dizem a isto?) tudo pertence aos homens &c., e mais adiante. O amor é a unica paixão da mulher.*

Vejamos agora o que nos diz Rousseau, pela boca de uma mulher *illustrada*, Julia: *Uma mulher perfeita e um homem perfeito devem ser tão differentes de alma, como de rosto. Estas vans imitações de sexo são o cumulo da loucura, fazem rir o sabio, e affugentão os amores. Emfim entendo, que, a menos que senão tenha 5 e meio pés de alto, uma voz de baixo, e barba no queixo, não se deve pertender a ser homem. Tomem lá os emancipistas para seu tabaco.*

Ouçamos, o Visconde Segur: *O fim de minha obra é provar que os dois sexos são iguaes &c.,* entretanto no mesmo parapho diz: *Que, fazeudo excepção do genio d'invenção, suas qualidades intellectuaes são iguaes ás nossas.*

E' uma razão contra producente: não póde haver igualdade em boa logica, onde sobeja de uma parte e falta da outra.

Mais poderíamos citar-vos em abono de meu pensamento, senão receiasse tornar-me enfadinho.

Busquemos agora com o raciocinio, com alguma couza de nossa caza fazer mais valiosos os pensares dos auctores acima. Argumentemos por analogia com as outras especies de animaes.

Em que especies, tão inumeras, tão immensas s'encontra a igualdade entre os sexos? Por ventura belleza, força, animo, e mesmo intelligencia não se reúnem sobre o sexo masculino?! Porque faria a natureza excepção nesta regra geral para especie humana?! Acazo não são os sexos femininos destinados a mesma funcção, á maternidade?

Dir-no-heis, que na especie humana ha uma excepção à regra geral, que é a belleza ser a herança do sexo feminino, enquanto que nas outras especies, ella cabe ao masculino.

Assim é: mas não sabeis a cauza d'isso? E', porque Deos não quiz, que a approximação dos sexos fosse um acto puramente material; quiz que houvesse affecto, amor nesse conjugio, para que a mulher podesse adocar as paixões do homem.

Houve pois um motivo para essa excepção: mas havel-o-hia para fazer a mulher igual ao homem nas outras qualidades? Creio que não.

Fiquemos por hoje aqui. Firme como estou no proposito de destruir todas essas ideias sediciosas, que vos querem incutir, voltei ainda ao mesmo assumpto no proximo numero do MAGICO.

Pesso-vos, que não vos assusteis com algumas proposições minhas, deixai-me desenvolver meo pensamento, e vereis, que sou vosso amigo, que fallo só a favor de vossos interesses, e que não tenho outra couza em vista, que vosso bem.

Aceito qualquer adversario, mesmo anonimo; porque entendo, combatter ideias, e não pessoas: e serão tractados por mim sempre com a — consideração — que sua linguagem se me fizer credora.

A Sra. D. Lniza E. correspondente dseta folha, terá resposta quando contestar minhas ideias. por enquanto só lhe direi, que não me cabe sua censura.

Vosso Admirador

O Homem.

NOVO CHEIRO.

Segundo acaba de me dizer certo amigo, que talvez pela experiencia do nariz se certificasse do facto, o cazo é que elle tem alguma couza de verdadeiro. Isto não admira; porque quem quizer se certificar que chegue até là. Sentimos que não possamos chegar a todos com este artigo, porque realmente queria me desenganar e desenganar aos outros.

O que vou contar hade causar repugnancia, mas quem reflectir sobre o quadro desta terra suas couzas hade ver que a natureza foi bem clara connosco. Por algum motivo veio aqui nascer o *porco* e a *preguiça*, e entretanto não se diga que não temos couzas boas....

O facto é este:— Um nosso amigo por consentimento do commandante da guarda da Cadea aproximou-se ás grades das janellas do andar terreo, e por desgraca sua deo com os olhos e nariz em uma sala inhabitada, e cheia das mais nojentas immundicies. E' de cauzar vomitos! Segundo disse, o referido commandante, é que os prezos de cima fazem pelos rombos das taboas do soalho o seo despejo para baixo, e ahi fica, talvez para plantar cebola!

A razão porque perdemos a nobreza e excellencia de nossos costumes, é por envolvel-os com a mais nojenta e esecranda porcaria; é por ver andar ao lado do desenvolvimento e progresso de uns, o deleixo e preguiça de outros: é ainda mais porque rolando com a virtude está o vicio, e a falta de dignidade de muita gente.

E não se diga, que no meio mesmo de tudo isto, que causa um desgosto particular a quem deseja ver tudo bom, ou ao menos da melhor forma, não se diga que não ha boas intenções e melhores desejos, assim a especulação e o poder dos maus não matasse de continuo as boas disposições de alguns.

Entretanto o nosso maior desejo é que alguém trate de acabar com tanta porcaria.

UM HOMEM EM APUROS.

Maldita seja a hora em que eu vim a este mundo! — Dizia isto certo sujeito que è bem conhecido do publico. O seo estado de finanças è que o punha em semelhante aperto. E' verdade que não sabia onde havia de buscar; porque nem emprego tinha, nem algum outro meio de vida que lhe proporcionasse dinheiro, entretanto devia o aluguel da caza, ao alfaite, ao sapateiro, á lavadeira ao armazem de mantimentos; até a uma fabrica de charutos, e finalmente a grande numero de seos conhecidos a quem tenha pedido dinheiro emprestado por algumas vezes.

Um dia chegou em que teve de desvendar os seos e os olhos dos outros, pois cahirão quazi todos a um tempo pouco mais ou menos.

Logo pela manhã o sapateiro foi o primeiro que o visitou, e teve em resposta, "que estava esperando uma pessoa que lhe havia de trazer dinheiro nesse mesmo dia, em fim que viesse a tarde. Dahi a pouco veio o senhorio, a este respondeo o homem "tivesse paciencia, que acabava de dar ao seo sapateiro e alfaiate todo o dinheiro que tinha. O senhorio não esteve pela desculpa, ao que tornou o sujeito; mande á tarde.

Aconteceo porem, que succederão uns após outros e o homem vio-se obrigado a vestir-se para sahir, porem apenas abriu a porta avistou o caixeiro do Armazem! Com esta aparição elle entrou e feichou se precepidamente! Teve o *apuro* de ficar todo o dia fechado e sem comer!... Pobre coitado! — A. C. —

Este Soneto foi arranjada por um amante dengoso um mez depois da Dulcinéa — lhe haver dado o cravo que é o objecto deste improvisó: pois ao abrir a carteira onde o tinha guardado estava — oycanuu —

SONETO.

Colhido por Amor, mimoso cravo,
Pouco a pouco murchou, perdeu o odor;
Nascestes e para morrer, o' bella flor,
Como o meo coração p'ra ser escravo.

Prezo com brio sim, mas não ignavo,
Ora arrasta os grilhões de puro amor,
Com soberba altivez, e não com dôr,
Soffre meo coração seo jugo bravo.

E quando te contemplo, flor mimosa,
Sem vida e sem acção... oh! Natureza
Mesmo assim como és inda és formosa!

Morda-se a inveja embora em furia aceza,
Morreste por amor, o' flor saudosa,
Como eu morro por ti bella THEREZA.

O Tio mimoso.

A PENSATIVA.

No que pensas descontente,
Tristemente?
Tu és bella, és tão garboza
Como a rosa,
E's por todos desejada!
Queres pôs a tua vida,
Passar triste e aborrecida,
Com tua alma magoada?

Mesmo aqui entre os primores,
Dessas flores,
Do botânico jardim
Queres assim
Entregar-te a sò tristeza.
Tu não vês todos folgando,
E da virgem festejando,
O seo dia de grandeza?

Tu não ves a formosura
Da natura.
Não ouves o mavioso,
Cant' amoroso,
Das aves no seo triuar?
Tu não sentes nestas sallas,
Entre as rissonhas gallas,
O Praser te convidar?

Aqui onde estas Donzellas
Castas, bellas,
Mostrão doce singeleza,
E's a Princeza!
Aqui tens por sympathia
Quem muito e muito te adora,
Quem de joelhos te implora
Um sorriso de alegria!

Sim, que venha um sorriso domnoso
Mais ainda teos labios doirar,
Que essa dura e acerba tristeza
Pode em breve, cruel, desbotar.

Tu que és tão gentil, tão insonte,
Donde nasce esse triste scismer?
Tu não podes d'um mundo perverso
Nos enganos ainda cuidar!

Tu não deves da avara fortuna
Os terriveis reveses sentir,
Nessa idade, tão bella de ouro
Ninguém pensa; nem lembra o porvir.

Dizes pois que te falta no mundo
Que promove esse teu padecer,
Que te obriga a fugir aos folguedos,
E à sozinha contigo gemer?

J. M. O. P.

CANTAROLA.

La foi a Manuelita
Dando saltos de cabrita
Corrida quasi a bodoque
Levando o pai a reboque,
Nem ao menos perseguido
Por algum tyro perdido,
Que lhe varasse o focinho
E lhe mudasse o caminho.
Conta bem Manoel João
Conta bem que vinte são. (1)


Se o que dizem è verdade
O monstro d'atrocidade
E os outros seos agentes
Levarão terra nos dentes.
E forão com tal corrida,
Que não perderão a vida
Mas seo capricho venderão
Em ouro se converterão.
Voa Mannel dos Rozas.
Que as agoas são bonançosas.

E o bello valente Urquiza,
Que de ouro ja tem a divisa,
De bom selvagem Unitario,
Acabou o seu fadario:
E Oribe e outros que taes,
Tambem se fizeram leaes,
E a guerra quasi de entulho.
Co' a victoria sem barulho.
Quem poupou melhor a lã,
Foi essa gente allemã.

Vem chegando a primavera.
La vai Frutuoso Rivera,
Pra Presidente de là!
E mais dinheiro de cà
Hade comer o selvagem,
Hade fazer estalagem
A'custa cà des bolões
Que sabem fazer fardões.
Agora o' Montevideo,
Rozas cahio no mundeão.

(1) Isto è — vinte são — es annos que o Sr. Rozas governou.


MISCELLANEA.


—  O TUTU' da *Mizericordia* obriga os vivos a se *safurem* para elle fazer cazas para os mortos, mas não põe os mortos na rua para fazer caza para os vivos!!! Ora não se dá maior escandalo!!! Haja vista umas ruinas de certa caza de certo largo lá para — Val-longo. — E' pena que não esmigalhasse algum pobre coitado.

— Em consequencia do atrazo em que se acha a moralidade deste paiz, não sei quem se lembrou de espalhar pela cidade uma porção de caipiras que leccionão pelas ruas a moral em altas vozes, vendendo ao mesmo tempo — quartos, oitavos, e vigesimos — da loteria; seja de quem for a lembrança ella é digna da attenção da policia.

— Os homens que põe lagedo em suas testadas estão afflictos contra as posturas da Ilma., porque o quartel de Permanentes ainda não botou, nem o Theatro Provisorio, nem o Arsenal de Marinha, nem o de Guerra, nem a caza de Correcção, nem o Passeio Publico: e quem paga essas multas?

— Não obstante o misero estado a que se acha reduzido o *Consullorio das sanguexugas* da rua do Hospicio, por cauza do novo calçamento, os proprietarios lembrarão-se addicionar ao estabelecimento uma pequena praça de mercado, onde os seos freguezes encontrarão todos os dias a salsa, a cebola, a couve, os tomates, e as fructas para sobremeza; para o que contratarão algumas quitandeiras da exposição de Londres, que para commodidade do publico se achão no dito lugar de manhã até a noite. Os proprietarios contão com a protecção do respeitavel Publico, e da Ilma.

— Anda aqui um implicante a embirrar com certa caza de pasto. Diz elle. — “Eu dou alviçaras a quem me disser que tal é o cheiro da comida que se faz nesta caza. — “Mas aonde é isso? — E' na rua da Carioca, uma caza encantada de uma só porta, que sempre muda a toalha, e nunca de freguez porque sempre vejo lá um homem! Não dou razão a este implicante, porque isso não é da sua conta, mas a fallar a verdade eu tambem quizera saber o que ahi se faz. Como é caza publica, não se pode esquivar da censura do publico, ou das desconfianças dos curiosos. O' lá senhor então faz comida ou não? Tem freguezes ou não? Então o que é esse cosmorama? Ah!... é algum viveiro de  *Moscas*.

—  *UM CAZO RARO!* Certo official da *Guarda Nacional* (e senão nos enganão, foi um commandante de um corpo de infantaria) passando pela guarda do Thesouro, e a paizana, a sentinella foi obrigada a perguntar por mais de uma vez — quem vem lá? — O homem que não é surdo nada respondeo, elle é miope, uza de oculos, não sei se isto influe sobre o orgão de ouvir; elle ia se aproximando. A sentinella então gritou — “Está surdo? Passe de largo. —

O homem avança para a frente empunhando a bengala e pergunta — “E você sabe com quem falla? — Ora e que lhe parece esta amigo leitor? Com quem então queria o sujeito, quem quer que fosse, que fallasse a sentinella? E’ até onde nos póde levar a estupenda vaidade e orgulho!! O sujeito queria ser conhecido sem duvida pelos olhos!!! Entretanto sem mais côrtezia do commandante da guarda prendeo a sentinella (que cumprio o seu dever) a ordem do seo commandante. Este individuo tambem o é, mas nessa occasião desceo até mais abaixo de um recruta. Como é pavão!

— Dizem que ha um sujeito que faz por ali uma figura bem ridicula, porque anda pedinchando, entretanto o sujeito tem *côco*, os capotes estão preparados para lhe dar um *trote* elle que não passe mais na rua dos Siganos.

— Hontem estava um velho na ladeira de Santo Antonio em uma attitude pouco decente, e bem perto o guarda do chafariz e uma sentinella dos M. P. Tanto abandono é inqualificavel! Para que serve tanta gente *imbiocada* em suas librés? Não vale apenas a despeza.

— Está se preparando uma companhia de afogadores para ir apánhar os saccos de café que se perderão no dia do temporal, quem tiver alguma couza lá nas *profundas* é aproveitar.

CHARADA.

Assim como dou vida a qualquer ente
Muitas vezes tambem mato ao vivente — 1

Andando sobre o mar derão-me o nome
E na terra tambem filho dos erros — 1

Este nome nunca digas
Em teos labios não està bem.

E A. R

A significação da ultima charada é: — a primeira — Logogripho. — e a segunda — Pindoba. —